

Em laboratório, a infecção pela nova cepa do Sars-CoV-2 aumenta a reação do sistema de defesa à antiga. Se confirmado, efeito pode ser considerado um importante indício de que a pandemia começa a perder forças, segundo especialistas

Ômicron aumenta proteção contra delta

» VILHENA SOARES

A infecção provocada pela variante ômicron do Sars-CoV-2, causador da covid-19, pode aumentar a imunidade contra a variante delta, sugere um estudo sul-africano. Em experimentos laboratoriais, os cientistas identificaram, em amostras de sangue de infectados pela cepa mais recente, uma reação de defesa maior à invasão da forma genética anterior. Para os pesquisadores, a notícia é positiva, pois pode significar um arrefecimento da pandemia — isso considerando que a ômicron, cujos indícios são de que é mais transmissível e menos agressiva ao corpo humano, se torne dominante no mundo. Mais análises, porém, precisam ser conduzidas, e os resultados obtidos, agora, analisados por outros pesquisadores. O trabalho, ainda não revisado por pares, foi publicado na plataforma digital MedRxiv.

A equipe selecionou 13 pessoas — parte delas vacinadas e outra, não — e as expuseram à cepa mais recente do Sars-CoV-2. Amostras de sangue dos voluntários foram expostas às variantes ômicron e delta 14 dias depois de eles testarem positivo para a infecção. Análises do material indicaram aumento de 14 vezes na capacidade de neutralizar a ômicron e 4,4 vezes maior para conter a delta. “O aumento de proteção contra a ômicron era esperado. Esse é o vírus com o qual esses indivíduos foram infectados. No entanto, também vimos que as mesmas pessoas, especialmente aquelas que foram vacinadas, desenvolveram imunidade aprimorada à variante delta”, explica, em seu twitter, Alex Sigal, líder do estudo e pesquisador do Africa Health Research Institute.

Sigal e sua equipe avaliam que os dados apontam para uma predominância de casos da cepa ômicron, lugar ocupado atualmente pela delta, o que traria um cenário mais animador, já que, até agora, as infecções provocadas pela mais recente variante do coronavírus têm sido menos graves. “Se os dados se confirmarem, os danos que a covid-19 causou em nossas vidas podem diminuir. O esperado grande número de pessoas infectadas com ômicron pode aumentar, significativamente, o nível de imunidade de toda a população e ajudar a erradicar a delta e pelo menos algumas das outras variantes”, tuitou Sigal.

Os autores ponderam que, como alguns dos participantes haviam sido vacinados e muitos, provavelmente, também tinham sido infectados por outras cepas do vírus que não as duas testadas,

AFP



Estudo foi conduzido em uma pequena amostra de pacientes na África do Sul e ainda precisa ser revisado por pares



Se os dados se confirmarem, os danos que a covid-19 causou em nossas vidas podem diminuir. O esperado grande número de pessoas infectadas pela ômicron pode aumentar, significativamente, o nível de imunidade de toda a população”

Alex Sigal, líder do estudo e pesquisador do Africa Health Research Institute



Como o poder de propagação é maior, mesmo que os casos leves sejam mais frequentes, nós ainda teremos um número alto de casos graves, já que muitas pessoas estarão com o vírus, principalmente grupos mais vulneráveis, como os idosos”

Marcelo Cecilio Daher, médico infectologista e consultor da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI)

não se pode dizer que a neutralização da delta pode ser totalmente atribuída à infecção pela ômicron. Análises mais amplas e com um número maior de infectados poderão ajudar a responder a essa questão. “Não está claro se o que observamos é uma neutralização cruzada eficaz do vírus delta por anticorpos produzidos pela ômicron ou se é uma ativação da imunidade de anticorpos de infecção anterior e/ou vacinação”, detalham.

Reação esperada

Segundo Marcelo Cecilio Daher, médico infectologista e consultor da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI), os dados constatados pela equipe sul-africana eram esperados. “O que sabemos da ômicron? Ela é uma variante que acumula mutações de várias outras cepas, como a delta, a gama e a alfa. Isso acontece já que o vírus tenta sobreviver a todo o custo. É justamente por esse motivo que as ações dos anticorpos contra ela são maiores, o corpo precisa aumentar essa defesa”, explica.

Apesar dessa proteção maior, o médico ressalta que é preciso ser

» Sintomas atualizados

Pesquisadores britânicos revelaram novos sintomas causados pela variante ômicron. Com a ajuda de um aplicativo de celular, eles coletaram dados médicos de mais de 10 mil infectados e constataram sinais semelhantes aos de um resfriado, como coriza e espirros. Inicialmente, relatam, as pessoas sofrem com cansaço, coceira na garganta, dores musculares, tosse seca e febre baixa. Com o tempo, surgem outras complicações, como coriza, espirros e dor de cabeça. Metade dos indivíduos que testaram positivo para a doença apresentou os sintomas clássicos da enfermidade — perda do olfato ou paladar e tosse. Os especialistas também relataram ter registrado casos de enjoo e perda de apetite em pessoas já vacinadas. “A ômicron é, provavelmente, muito menos agressiva que variantes anteriores, com efeito semelhante à infecção por delta em pessoas que foram vacinadas. Por isso, produz sintomas semelhantes aos do resfriado”, explica Tim Spector, pesquisador e líder do estudo ZOE Covid, em entrevista ao jornal britânico *Daily Record*.

prudente, já que a ômicron parecer ser mais transmissível que as cepas anteriores. “Como o poder de propagação é maior, mesmo que os casos leves sejam mais frequentes, nós ainda teremos um número alto de casos graves, já que muitas pessoas estarão com o vírus, principalmente grupos mais vulneráveis, como os idosos. É um cenário que ainda é prejudicial para os hospitais e para outros serviços de saúde, que podem ficar sobrecarregados”, explica.

Para Daher, a melhor opção é se proteger contra o vírus com todos os recursos disponíveis, até porque não se pode, ainda, confirmar a menor gravidade dos casos gerados pela ômicron. “Vemos que em países como o Japão, que sofreu com surtos de delta, logo em seguida a onda de ômicron desencadeou casos bem mais leves. Isso é uma boa notícia, mas não temos como confirmar antes de mais análises. É possível que o vírus esteja ficando mais manso, mas não podemos relaxar”, enfatiza. “Por isso, também é importante frisar que a vacina é o que vai nos blindar de todas as cepas. Quanto mais seguirmos o regime de reforços corretamente, mais estaremos protegidos.”

MAIS DE 3.500 ANOS

Múmia de faraó egípcio é desembrulhada digitalmente

Diz a lenda que uma maldição pode recair sobre quem ousar abrir sarcófagos e alterar o conteúdo dos túmulos. Mas essa história antiga replicada em livros e filmes pode deixar de ser preocupação entre pesquisadores mais superstitiosos. Graças ao auxílio da tecnologia, cientistas do Egito conseguiram desvendar os segredos de uma múmia sem precisar remover as suas bandagens. Eles recorreram à tomografia computadorizada tridimensional para “desembrulhar digitalmente” os fósseis de Amenhotep I, que viveu há mais de 1.500 anos antes de Cristo. Os segredos do faraó foram revelados na última edição da revista *Frontiers in Medicine*.

No artigo, os cientistas relatam que uma série de múmias encontradas nos séculos 19 e 20 já foram abertas para estudo. Com uma exceção: os egiptólogos nunca foram ousados o suficiente para tocar no faraó Amenhotep I. Os pesquisadores preferiram preservar o artefato, que estava perfeitamente embrulhado, decorado com guirlandas de flores e com o rosto e o pescoço cobertos por uma máscara facial. “O fato de

a múmia de Amenhotep I nunca ter sido desembrulhada nos tempos modernos nos deu uma oportunidade única: avaliar, com precisão, o seu processo de sepultamento”, afirma, em comunicado, Sahar Saleem, professora de radiologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Cairo e uma das autoras do estudo.

Por meio das imagens computadorizadas, os pesquisadores observaram que o filho de Ahmose Nefertari e de Ahmose I foi o primeiro a ser mumificado com os braços cruzados e o último cujo cérebro não foi retirado do crânio no momento da mumificação. “Mostramos que Amenhotep I tinha aproximadamente 35 anos quando morreu, cerca de 1,69cm de altura, era circuncidado e tinha bons dentes. Ele também usava 30 amuletos e um cinto de ouro. Suas entranhas foram removidas, mas não o cérebro e o coração”, detalha Saleem.

A análise também revelou que a múmia descoberta em 1881, em Luxor, cidade localizada na margem oriental do Rio Nilo, não apresentava lesões ou doenças. “Amenhotep I deve ter sido

parecido fisicamente com o pai. Ele tinha queixo estreito, nariz pequeno e estreito, cabelo encaracolado e dentes superiores levemente protuberantes. Não conseguimos encontrar quaisquer feridas ou desfiguração devido a alguma doença que justificasse a causa da morte”, conta.

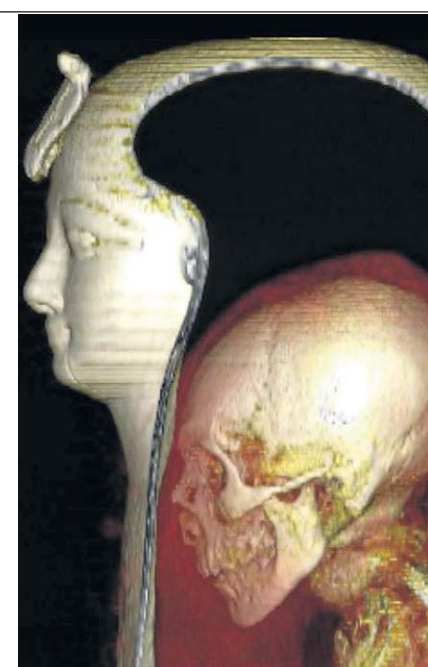
Restaurações

Amenhotep I foi o segundo faraó da 18ª dinastia do Egito, depois de seu pai, Ahmose I, e governou o Egito durante a época de ouro. Após sua morte, ele e a mãe foram adorados como deuses. O corpo do faraó passou por restaurações, e acredita-se que essas “reformas” teriam acontecido para reutilizar o material em outros mortos de renome. As novas análises, porém, contrariam essa teoria. “Nós mostramos que, pelo menos para Amenhotep I, os sacerdotes repararam os ferimentos infligidos por ladrões de túmulos, restauraram a múmia à sua antiga glória e repuseram joias e amuletos”, detalha Saleem.



Máscara fúnebre de Amenhotep I: cérebro não foi retirado do crânio

Agora, os pesquisadores pretendem usar a mesma técnica, que reduz o risco de danos, para analisar outros artefatos egípcios. Com a mesma técnica, os autores do estudo resolveram, em 2012, um crime de 3 mil anos. Eles descobriram a verdade sobre a



“conspiração do harém”. Recorrendo aos raios X e à análise de DNA, provaram que Ramsés III teve a garganta cortada durante conspiração organizada por uma de suas esposas, que queria colocar seu filho no trono, em vez do primogênito de uma das rivais.